

Luiz Eduardo Oliveira
José Eduardo Franco

EDITORIAL

EM TODAS AS NAÇÕES, antigas ou modernas, centrais ou periféricas, metropolitanas ou pós-coloniais, a cultura e a história conheceram numerosos discursos e práticas que antagonizaram “Outros”. Apesar dos diferentes veículos e impactos, todos esses discursos que designamos por “anti” recorreram a diversas estratégias para apresentar a mundividência, o estilo de vida, as crenças ou a ideologia de outros como uma ameaça aos valores positivos de cada grupo ou sociedade. Na medida em que respondem a debates ideológicos em curso ou a conflitos e tensões existentes entre grupos/classes/etnias/gêneros e religiões, estes discursos se colocam como “novos”. No entanto, eles são raramente originais e na maioria dos casos importam argumentos de outras situações de confronto passadas. Neste projeto, os discursos “anti” devem ser estudados através de sua história, sobretudo mediante uma história que atenda à sua “longa duração” e aos seus aspectos genealógicos. Assim, este projeto, que é necessariamente interdisciplinar, deve ter em conta os “arquivos”, por vezes cronologicamente profundos, a que os discursos “anti” recorrem.

Intentamos localizar de forma precisa esses discursos e as práticas em que se fundam na sua espessura temporal através de um conjunto de monografias críticas de cada movimento “anti” identificado, que serão as entradas do dicionário enciclopédico. Além do seu contributo empírico, o dicionário permitirá uma reflexão mais profunda sobre os fundamentos teóricos das produções discursivas “anti”. O estudo metódico de uma quantidade significativa de discursos “anti” permitirá uma reflexão profunda sobre os limites da modernidade. A opção metodológica pela longa duração revela-se indispensável porque permite testar as rupturas entre modernidade, pré e pós-modernidade.

O período pré-moderno não ignorou a produção de discursos “anti”, os quais podem ser compreendidos no quadro da chamada “civilização de

combate”: uma sociedade estruturada por uma ortodoxia com modelos religiosos e sociais rígidos afirmados em antagonismo com outras sociedades. Todavia, esses tipos de discurso permanecem nas sociedades abertas e estão genealogicamente ligados ao seu passado. A modernidade, com suas oposições ideológicas e suas profundas divisões religiosas e políticas, foi fértil em semelhantes movimentos. Todavia, estão por serem estudados os seus laços com construções discursivas pós-modernas centradas num “Outro hostil” que constituía uma ameaça real ou imaginária a valores comunitários, construções essas que foram essenciais para a criação de identidades mais amplas. Da mesma forma, a atual “morte das ideologias” não erradicou práticas e discursos que demonizam ideias/grupos/comunidades dentro da sociedade. Ademais, o presente desenvolveu novos discursos “anti” sob forma de teorias da conspiração que alegam denunciar a atividade de um “Outro” maligno, de riscos coletivos impessoais – antiterrorismo, antitabagismo etc. – e de “questões fraturantes”. As redes sociais da Internet são uma testemunha gritante disso. Em todos esses casos, existe uma percepção em “negativo” de um Outro que deriva de uma compreensão positiva do “Nós”.

Neste primeiro número da *Revista de Estudos de Cultura*, apresentamos ao público nove artigos escritos por especialistas de várias instituições do país sobre o tema das **Culturas em Negativo**. O primeiro deles, **Anticapitalismo**, escrito por **Êmerson Neves da Silva**, é um estudo sobre os novos movimentos sociais que atualmente são a expressão mais incisiva do anticapitalismo, pois congregam sujeitos históricos baseados na democracia participativa e na desconstrução da sociedade capitalista. O segundo, **O Anticristianismo no Brasil**, de autoria de **Rogério Luiz de Souza** e **Edison Lucas Fabrício**, analisa as manifestações e práticas de anticristianismo na História do Brasil, do século XVIII ao século XX. **Antifeminismo**, de **Maria Helena**

Santana Cruz e **Alfrancio Ferreira Dias**, reflete sobre o Antifeminismo como objeto analítico na cultura brasileira, na tentativa de contribuir para minimizar a lacuna sobre o tema existente na produção do conhecimento. O **Antifrancesismo no Brasil**, de **Maria Regina Barcelos Bettiol**, estuda as origens do Antifrancesismo em nosso país, defrontando-nos com um discurso que paradoxalmente sempre coexistiu com a apologia ao francesismo em suas expressões sociais, culturais, políticas e literárias. **Antilusitanismo**, de **Carolina P. Fedatto**, contrapõe o aparecimento das palavras *lusismo* e *lusitanismo* à formação de conceitos, ideias e pontos de vista sobre isso que seria propriamente *lusos* na história das relações entre as línguas. **Antilusofonismo**, de **Jair de Almeida Junior**, trata do Antilusofonismo como uma resistência à Língua Portuguesa, sendo um fenômeno tão antigo quanto a própria colonização realizada por Portugal.

Em **Antimaniqueísmo**, **Jean Pierre Chauvin** explica que, ao se posicionar de modo Antimaniqueísta, o homem passou a contrariar um modo estreito de sentir, pensar e condenar: atitudes que caracterizam as pessoas adeptas de dogmas, ideologias e demais sistemas prévios de regramento. Em **O Antimedievalismo no Brasil**, **Thiago Borges de Aguiar** busca construir uma análise sobre a ocorrência do antimedievalismo no Brasil, concebendo-o como um conjunto de narrativas nas quais a Idade Média é vista como uma realidade histórica de um período de trevas, violência, ignorância e domínio da Igreja Católica. Em **As mútuas negações do criacionismo e do evolucionismo: suas origens e efeitos na cultura contemporânea**, **José Claudio Matos** investiga a mútua oposição entre o antievolucionismo e o anticriacionismo, na medida em que estes se constituem como cosmologias, e explora as possibilidades de um diálogo ou interação profícua entre tais visões, amenizando o aspecto negativo de ambas atitudes.

Luiz Eduardo Oliveira
José Eduardo Franco

EDITORIAL

IN ALL NATIONS, ancient or modern, central or peripheral, metropolitan or postcolonial, culture and history met numerous discussions and practices which antagonized “Others”. Despite different vehicles and impacts, all these speeches called as “Anti” resorted to various strategies to present the worldview, the lifestyle, beliefs or ideology which belonged to others as a threat to positive values of each group or society. As they respond to current ideological debates or to existing conflicts and tensions between groups / classes / races / genders and religions, these speeches are placed as “new”. However, they are almost never original and in most cases, take arguments from other situations of past confrontation. In this project, the “anti” speeches should be studied throughout its history, particularly through a history that meets their “long duration” and genealogical aspects. Thus, this project, which is necessarily interdisciplinary, must take into account the “files”, sometimes chronologically deep, to which the “anti” speeches resort.

We intended to precisely locate these discourses and practices which are based on temporal thickness through a series of critical monographs of each identified “anti” movement, which will be the entries of the encyclopedic dictionary. In addition to its empirical contribution, the dictionary will allow a deeper reflection on the theoretical foundations of the discursive “anti” productions. The methodical study of a significant quantity of “anti” speeches will allow further reflection on the limits of modernity. The methodological option for long-term is seen as necessary because it will be possible to test the breaks between modernity, pre and postmodernity.

The pre-modern period did not ignore the production of “anti” discourses, which can be understood in the context of the “civilization of combat”: a society which is structured by an orthodoxy with strict religious and social models affirmed in antagonism with other societies. However, these types of speech remain in open societies and are genealogically linked to

its past. Modernity, with its ideological opposition and deep religious and political divisions, was fertile in similar movements. However, they will be studied for their ties with postmodern discursive constructions centered on a “hostile Other”, who was a real or imagined threat to community values, such constructions which were essential to the creation of broader identities. Similarly, the current “death of ideologies” did not eradicate practices and discourses which demonize ideas / groups / communities within society. Moreover, the present time developed new “anti” discourses in the form of conspiracy theories that claim to report the activity of an evil “Other”, of impersonal collective risks - anti-terrorism, anti-smoking etc. - and “fracturing issues”. Online social networking is a stark witness. In all these cases, there is a perception in “negative” of an Other who comes from a positive understanding of the “We”.

In this first issue of the Journal of Cultural Studies, nine articles written by experts from various institutions in the country on the subject of Cultures in negative are presented to the public. The first one, Anti-capitalism, written by Emerson Neves da Silva, is a study on the new social movements which are currently the most incisive expression of **anti-capitalism**, because they congregate historical subjects based on participative democracy and the deconstruction of the capitalist society. The second, **the anti-Christianity in Brazil**, written by **Rogério Luiz de Souza** and **Edison Lucas Fabrício**, analyzes the anti-Christian manifestations and practices in the history of Brazil, from the eighteenth to the twentieth century. **Anti-feminism**, by **Maria Helena Santana Cruz** and **Alfrancio Ferreira Dias**, reflects on the anti-feminism as an analytical object

in Brazilian culture as an attempt to reduce the gap on the existing theme in knowledge production.

The **Antifrenchism in Brazil**, by **Maria Regina Barcelos Bettiol**, studies the origins of Antifrenchism in our country, confronting us with a speech that has always paradoxically coexisted with the advocacy of Frenchism in its social, cultural, political and literary expressions. **Antilusitanism**, by **Carolina P. Fedatto**, opposes the appearance of the words lusism and lusitanism to the formation of concepts, ideas and views on what would be properly *luso* in the history of relations between languages. **Antilusophonism**, by **Jair de Almeida Junior**, considers Antilusophonism as a resistance to the Portuguese Language, and this phenomenon is considered as old as the colonization itself performed by Portugal.

In **Antimanichaeism**, **Jean Pierre Chauvin** explains that, by assuming an anti-manichaeist position, men began to contradict a narrow way of feeling, thinking and condemning: attitudes which characterize people who support dogmas, ideologies and other previous systems of ruling. In **Antimedievalism in Brazil**, **Thiago Borges de Aguiar** seeks to build an analysis on the occurrence of antimedievalism in Brazil, conceiving it as a phenomenon that is constituted as a set of narratives in which the Middle Ages are seen as a historical reality of a period of darkness, violence, ignorance and domain of the Catholic Church. In **Mutual denials of creationism and evolutionism: its origins and effects on contemporary culture**, **José Claudio Matos** investigates the mutual opposition between antievolutionism and anticriationism, as they are constituted as cosmologies, and explores the possibilities of a dialogue or fruitful interaction between such visions, easing the negative aspect of both attitudes.

Luiz Eduardo Oliveira
José Eduardo Franco

EDITORIAL

EN TODAS LAS NACIONES, antiguas o modernas, centrales o periféricas, metropolitanas o post-coloniales, la cultura y la historia conocieron numerosos discursos y prácticas que antagonizaron “Otros”. A pesar de diferentes vehículos e impactos, todos estos discursos que llamamos “Anti” recurrieron a diversas estrategias para presentar la visión del mundo, el estilo de vida, las creencias o la ideología de otros como una amenaza a los valores positivos de cada grupo o sociedad. En la medida en que responden a debates ideológicos en curso o a los conflictos y tensiones entre grupos /clases/ razas/géneros y religiones, estos discursos se presentan como “nuevos”. Sin embargo, rara vez son originales y en la mayoría de los casos importan argumentos de otras situaciones de confrontación pasadas.

En este proyecto, los discursos “anti” deben ser estudiados a través de su historia, especialmente mediante una historia que atienda a su “larga duración” y a sus aspectos genealógicos. Por lo tanto, este proyecto, que es necesariamente interdisciplinario, debe tener en cuenta los “archivos”, a veces de forma cronológica profundos, a que los discursos “anti” recurrentes.

Intentamos localizar precisamente estos discursos y prácticas que se basan en su espesor temporal a través de un conjunto de monografías críticas de cada movimiento “anti” identificado, que serán las entradas del diccionario enciclopédico. Además de su contribución empírica, el diccionario permitirá una reflexión más profunda sobre los fundamentos teóricos de la producciones discursivas “anti”. El estudio metódico de una cantidad significativa de discursos “anti” permitirá una profunda reflexión sobre los límites de la modernidad. La opción metodológica por la larga duración resulta ser indispensable, ya que permite poner a prueba las rupturas entre modernidad, pre y post-modernidad.

El período pre-moderno no ignoró la producción de discursos “anti”, que pueden ser entendidos en el contexto de la denominada “civilización de

combate”: una sociedad estructurada por una ortodoxia con modelos religiosos y sociales rígidos establecidos en antagonismo con otras sociedades. Sin embargo, esos tipos de discursos se mantienen en las sociedades abiertas y están genealógicamente relacionados con su pasado. La modernidad, con sus oposiciones ideológicas y sus profundas divisiones religiosas y políticas, fue fértil en movimientos similares. Sin embargo, se están estudiando sus relaciones con construcciones discursivas post-moderna centradas en un “Otro hostil”, que era una amenaza real o imaginaria a valores comunitarios, dichas construcciones que fueron esenciales para la creación de identidades más amplias. Del mismo modo, la “muerte de las ideologías” no ha erradicado las prácticas y discursos que demonizan ideas/grupos/comunidades dentro de la sociedad. Por otra parte, el presente ha desarrollado nuevos discursos “anti” en forma de teorías conspirativas que pretenden denunciar la actividad de un “otro” maligno, de riesgos colectivos impersonales – antiterrorismo, antitabaquismo etc. – y de “cuestiones de ruptura”.

Las redes sociales de la Internet son un testigo patente. En todos esos casos, hay una percepción en “negativo” de un Otro que viene de una comprensión positiva de “Nosotros”.

En este primer número de la *Revista de Estudos de Cultura*, presentamos al público nueve artículos escritos por expertos de diversas instituciones del país sobre el tema de las Culturas en Negativo. El primero, **Anticapitalismo**, escrito por **Emerson Neves da Silva**, es un estudio sobre los nuevos movimientos sociales que se encuentran actualmente en la expresión más incisiva del anticapitalismo, pues congregan sujetos históricos basados en la democracia participativa y en la deconstrucción de la sociedad capitalista. El segundo, el **Anticristianismo en Brasil**, de autoria de **Rogério Luiz de Souza** y **Edison Fabricio Lucas**, analiza las manifestaciones y prácticas anticristianas en la Historia

de Brasil, desde el siglo XVIII hasta el siglo XX. **Antifeminismo**, de **Maria Helena Santana Cruz** y **Alfrancio Ferreira Dias**, reflexiona sobre el Antifeminismo como objeto de análisis en la cultura brasileña en un intento de ayudar a reducir la brecha en el tema existente en la producción de conocimiento. El **Antifrancesismo** en Brasil, de **Maria Regina Barcelos Bettiol**, investiga los orígenes de Antifrancesismo en nuestro país, los que nos estamos enfrentando con un discurso que, paradójicamente, siempre coexistió con la apología al francesismo en sus expresiones sociales, culturales, políticas y literarias. **Antilusitanismo**, de **Carolina P. Fedatto**, se opone a la aparición de las palabras *lusismo* y *lusitanismo* a la formación de conceptos, ideas y puntos de vista sobre lo que sería propiamente *lusos* en la historia de las relaciones entre las lenguas. **Antilusofonismo**, de **Jair de Almeida Junior**, trata del Antilusofonismo como una resistencia a la Lengua Portuguesa, al ser un fenómeno tan antiguo como la colonización realizada por Portugal. En **Antimaniqueísmo**, **Jean Pierre Chauvin** explica que, al colocarse de manera Antimaniqueísta, el hombre comenzó a contrariar un modo particular de sentir, pensar y condenar: actitudes que caracterizan a las personas adeptas de dogmas, ideologías y otros sistemas anteriores de reglamento. En **El Antimedievalismo en Brasil**, **Thiago Borges de Aguiar** busca construir un análisis de la ocurrencia del antimedievalismo en Brasil, concibiéndolo como un conjunto de relatos en los que la Edad Media es vista como una realidad histórica de un período de oscuridad, violencia, ignorancia y dominio de la Iglesia Católica. En **Las negaciones mutuas del creacionismo y del evolucionismo: sus orígenes y efectos en la cultura contemporánea**, **José Claudio Matos** investiga la oposición mutua entre el antievolucionismo y el anti-criacionismo, en la medida que se constituyen como cosmologías, y explora las posibilidades de un diálogo o interacción fructífera entre tales visiones, suavizando el aspecto negativo de ambas actitudes.